

Thomas R. Schreiner

Manual de Exegese das Epístolas Paulinas

VIDA NOVA

SUMÁRIO

Prefácio à segunda edição 9

Prefácio à primeira edição 11

Abreviaturas 13

Introdução 17

1. Compreendendo a natureza das cartas 31
2. Fazendo crítica textual 67
3. Traduzindo e analisando a carta 77
4. Investigando questões históricas e introdutórias 81
5. Diagramando e fazendo a análise gramatical 103
6. Identificando e seguindo a argumentação 133
7. Fazendo estudos lexicais 171
8. Analisando o contexto teológico 183
9. Delineando a relevância das cartas de Paulo 205

Conclusão 217

Comentários selecionados sobre as cartas paulinas 221

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Sou grato a Jim Kinney, da Baker Academic, por me convidar a preparar uma edição revisada deste livro, e agradeço também a Wells Turner pelo excelente trabalho editorial dessa edição. É tentador ampliar o livro de maneira significativa, mas creio que ele continua a ser lido em virtude de sua brevidade. Portanto, o objetivo da revisão é atualizar o livro onde necessário, especialmente no que diz respeito à bibliografia. O livro não mudou drasticamente, pois ainda estou convencido de que a essência do que escrevi há cerca de vinte anos está correta. Ainda assim, o livro todo foi revisado e há alguns acréscimos significativos. A edição original apresentava os diagramas em grego, mas não em inglês, e, portanto, o inglês foi adicionado para permitir que os leitores compreendam as convenções de diagramação. Sou particularmente grato pela ajuda do meu assistente de pesquisa, Greg Van Court, que auxiliou com a bibliografia, os diagramas em grego e inglês e outros detalhes para que esta edição revisada pudesse ser publicada. Quando este livro foi originariamente escrito, eu tinha três filhos, mas desde então o Senhor também nos abençoou com uma linda filha. Sou imensamente grato pela dádiva que minha esposa, Diane, e nossos quatro filhos (Daniel, Patrick, John e Anna) têm sido para mim.

Soli Deo gloria

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Escrever um livro nos torna muito conscientes de que nenhum livro é escrito por uma única pessoa. Sou grato a Scot McKnight por seus comentários ponderados sobre edições anteriores do material. Suas críticas foram sempre perspicazes e gentis. Meu colega no Bethel Seminary, Robert Stein, leu o manuscrito inteiro com seu cuidado habitual e me livrou de muitos erros. Outro colega, James Brooks, leu meus capítulos sobre crítica textual e diagramação, fornecendo conselhos inestimáveis sobre cada um deles.

Tom Steller, um dos meus pastores na Bethlehem Baptist Church, tem sido não apenas um amigo que demonstra a cordialidade e a gentileza de Cristo, mas também me ensinou como identificar e seguir a argumentação de uma passagem (veja o método apresentado no capítulo 6). Um agradecimento especial a Dan Fuller, do Fuller Seminary, pois o método usado no capítulo 6, em última análise, vem dele. Ele também me autorizou a divulgá-lo neste livro. Seu sistema de diagramação também tem sido muito proveitoso. Dan leu os capítulos sobre diagramação identificando e seguindo a argumentação com um olhar atento, detectando dessa maneira muitos problemas; ele ajudou a tornar este livro muito melhor do que seria de outra forma. Devo dizer, no entanto, que não segui todos os seus conselhos e, portanto, quaisquer erros nesses capítulos devem ser atribuídos exclusivamente a mim.

Foi um prazer trabalhar com meu editor da Editora Baker, Gary Knapp. Ele aprimorou o livro de inúmeras maneiras, pelas quais sou grato. Este livro também demonstra uma dependência do

meu mentor do Fuller Seminary, Don Hagner. Sua aula de "Teologia e Exegese do Novo Testamento" me influenciou de maneira significativa, e o caderno com as observações que ele compilou foi consultado repetidamente. Mark Reasoner, um colega do Bethel College, leu cerca de metade do manuscrito, e incorporei algumas de suas sugestões perspicazes, especialmente em relação ao material bibliográfico. Gostaria de afirmar, e não apenas *pro forma*, que quaisquer deficiências no livro são exclusivamente minhas. Nenhuma das pessoas mencionadas acima concordaria com tudo o que é afirmado neste livro, e ainda assim todas elas o tornaram melhor do que seria de outra forma.

Meus agradecimentos finais e mais importantes vão para minha esposa, Diane. Ela constantemente me lembra que o estudo da Bíblia é como "o bronze que soa ou como o címbalo que retine" se a igreja de Cristo não for edificada. Ela e meus três filhos, Daniel, Patrick e John, muitas vezes me distanciaram deste livro, não ao me importunar, mas ao me encantar com sua própria alegria de viver e sua alegria em Deus. A Deus seja a glória!

ABREVIATURAS

BDAG	W. Bauer, *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, trad. e adapt. de W. F. Arndt; F. W. Gingrich, 3. ed. rev. aum. por F. W. Gingrich; F. W. Danker (Chicago: University of Chicago Press, 2000)
ESV	English Standard Version
JSNTSup	Journal for the Study of the New Testament: Supplement Series
KJV	King James Version
LXX	Septuaginta (o Antigo Testamento em grego)
n.	nota de rodapé
ms(s)	manuscrito(s)
NA^{27}	*Novum Testamentum Graece*, edição de Eberhard Nestle; Erwin Nestle; B. Aland; K. Aland; J. Karavidopoulos; C. M. Martini; B. M. Metzger, 27. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993)
NASB	New American Standard Bible
NET Bible	New English Translation
NIBCNT	New International Biblical Commentary on the New Testament
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIV	New International Version
NKJV	New King James Version
NRSV	New Revised Standard Version

NT	Novo Testamento
AT	Antigo Testamento
𝔓	papiro
RSV	Revised Standard Version
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
UBS[4]	*The Greek New Testament*, edição de B. Aland et al. 4. ed. rev. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft/ United Bible Societies, 1994)
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
ZNW	Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche

Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Ed	Esdras
Êx	Êxodo	Ne	Neemias
Lv	Levítico	Et	Ester
Nm	Números	Jó	Jó
Dt	Deuteronômio	Sl	Salmos
Js	Josué	Pv	Provérbios
Jz	Juízes	Ec	Eclesiastes
Rt	Rute	Ct	Cântico dos Cânticos
1Sm	1Samuel	Is	Isaías
2Sm	2Samuel	Jr	Jeremias
1Rs	1Reis	Lm	Lamentações
2Rs	2Reis	Ez	Ezequiel
1Cr	1Crônicas	Dn	Daniel
2Cr	2Crônicas	Os	Oseias

Jl	Joel	Hc	Habacuque
Am	Amós	Sf	Sofonias
Ob	Obadias	Ag	Ageu
Jn	Jonas	Zc	Zacarias
Mq	Miqueias	Ml	Malaquias
Na	Naum		

Novo Testamento

Mt	Mateus	1Tm	1Timóteo
Mc	Marcos	2Tm	2Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1Co	1Coríntios	1Pe	1Pedro
2Co	2Coríntios	2Pe	2Pedro
Gl	Gálatas	1Jo	1João
Ef	Efésios	2Jo	2João
Fp	Filipenses	3Jo	3João
Cl	Colossenses	Jd	Judas
1Ts	1Tessalonicenses	Ap	Apocalipse
2Ts	2Tessalonicenses		

INTRODUÇÃO

Uma vez que treze dos 27 livros do Novo Testamento são atribuídos a Paulo, podemos entender a necessidade de um livro que trata especificamente de como fazer exegese paulina.[1] Além disso, a importância da exegese paulina é evidente pelo papel decisivo que a teologia paulina desempenhou na história da igreja. Foi a teologia paulina que teve uma influência muito grande sobre Agostinho, Lutero, Calvino e Barth. Qualquer teologia contemporânea que se esforce para estar arraigada na revelação bíblica e fiel a ela precisa se empenhar de maneira árdua e intensiva com a exegese paulina.

Uma das questões que precisamos abordar neste livro, portanto, é como passamos da exegese para a elaboração de uma teologia paulina. Os intérpretes inevitavelmente passam da exegese para a teologia, mas é imprescindível que essa teologia esteja verdadeiramente arraigada na exegese. Além disso, se a teologia de Paulo for considerada normativa e imbuída de autoridade para o mundo atual (como acredito que seja), surge a questão da sua relevância. Assim, perguntamos: Como devemos aplicar a teologia de Paulo a nossa cultura hoje? Como traduzimos a palavra de Paulo para o mundo do século 21? Precisamos sempre ter em mente que o processo de exegese não está terminado a menos que façamos a ponte entre o mundo do primeiro século e o mundo contemporâneo.

[1]Para obras introdutórias sobre as cartas paulinas, veja L. E. Keck; V. P. Furnish, *The Pauline Letters* (Nashville: Abingdon, 1984); C. J. Roetzel, *The Letters of Paul: conversations in context* (Atlanta: John Knox, 1982); M. L. Soards, *The Apostle Paul: an introduction to his writings and teaching* (New York: Paulist, 1987); M. D. Hooker, *A preface to Paul* (New York: Oxford University Press, 1980); John B. Polhill, *Paul and his letters* (Nashville: Broadman & Holman, 1999).

Essas questões levantam problemas hermenêuticos complexos que serão examinados em um capítulo posterior.

A importância de se fazer exegese paulina é evidente com base nos comentários feitos anteriormente, mas qualquer debate sobre a teologia paulina e a relevância de sua palavra para hoje é prematura. Primeiro, é preciso estudar os aspectos essenciais da exegese paulina. Evidentemente, há alguma sobreposição entre como fazemos a exegese paulina e como fazemos a exegese no restante do Novo Testamento. Por exemplo: a crítica textual opera com os mesmos princípios básicos em Paulo e em outras passagens, mesmo que manuscritos diferentes possam ser superiores em Paulo do que nos sinópticos. Da mesma forma, a metodologia básica usada nos estudos lexicais não é exclusiva de Paulo. Os princípios básicos da crítica textual e do estudo de palavras serão resumidos, e consideraremos algumas questões e exemplos específicos ao fazer a crítica textual e os estudos lexicais em Paulo.

Uma das peculiaridades da literatura paulina é a diferença de gênero literário. Paulo não escreveu Evangelhos, tampouco escreveu uma história da igreja antiga como Atos, nem mesmo escreveu uma obra apocalíptica como Apocalipse. Ele escreveu cartas para igrejas e pessoas específicas. Os intérpretes precisam levar em conta a diferença de gênero literário ao interpretar as cartas paulinas. Interpretar as cartas como fazemos com a literatura narrativa ou apocalíptica equivaleria a perder a magia do que constitui as cartas. O fato de Paulo ter escrito cartas exige que consideremos mais duas áreas: (1) precisamos entender o que torna a literatura epistolar diferente para interpretar as cartas de Paulo com precisão; (2) visto que Paulo escreveu essas cartas em um contexto histórico, alguma compreensão das questões introdutórias e históricas é essencial. Quanto mais conhecermos as circunstâncias específicas de uma carta, e a história e cultura da época em que Paulo a escreveu, melhor a compreenderemos.

As cartas de Paulo também diferem da narrativa por conterem uma sintaxe altamente rebuscada e argumentos construídos com rigor. Esta é uma simplificação excessiva, visto que algumas partes dos Evangelhos e Atos (e.g., Lc 1.1-4) também são sintaticamente complexas e contêm argumentos elaborados e intrincados. Na verdade, argumentos cuidadosamente construídos são especialmente evidentes nos discursos encontrados nos Evangelhos e Atos. No entanto, todos os estudiosos do Novo Testamento reconhecem que a sintaxe rebuscada e a argumentação cuidadosa são características peculiares da literatura paulina. Por exemplo: Efésios 1.3-14 é uma única frase em grego, embora os editores da UBS[4] e da NA[27] tenham optado por dividi-la, presumivelmente para facilitar a leitura. Paulo não apenas escreve frases longas, mas seus argumentos também são extensos e contínuos, em que cada capítulo serve de base para o seguinte. Isso não significa que a literatura narrativa não tenha estrutura, pois certamente tem. Embora a narrativa apresente uma estrutura constituída principalmente pela seleção de acontecimentos e falas, as cartas de Paulo exibem uma estrutura mais argumentativa.

Visto que as cartas paulinas são gramaticalmente complexas e logicamente intricadas, diagramar, identificar e seguir a argumentação tornam-se particularmente importantes para desvendar sua sintaxe e destrinchar sua argumentação. Não há atalhos fáceis para entender Paulo. O intérprete pode captar o significado das cartas de Paulo somente por meio de atenção paciente à sintaxe e ao pensamento disciplinado sobre o argumento do texto. Assim, precisamos dedicar um capítulo à diagramação e outro a identificar e seguir a argumentação das cartas paulinas.

Muito do que dizemos sobre as cartas paulinas também se aplica às outras cartas do Novo Testamento. Contudo, as cartas paulinas apresentam desafios ímpares, distinguindo-se de toda a literatura epistolar do Novo Testamento, visto que temos treze cartas atribuídas a Paulo, e nenhum outro autor sequer se aproxima

desse número. A singularidade da interpretação de Paulo é especialmente proeminente do ponto de vista teológico, porque sua teologia precisa ser extrapolada a partir de treze cartas e não apenas de uma ou duas.

Os diversos tópicos mencionados anteriormente oferecem ao leitor uma ideia do que precisamos estudar para interpretar as cartas paulinas. Mas essas áreas de estudo não foram analisadas em uma ordem lógica. A lista a seguir enumera nove áreas de estudo na ordem em que as investigaremos nesta obra (a lista corresponde à divisão dos capítulos deste livro):

Compreendendo a natureza das cartas
Fazendo crítica textual
Traduzindo e analisando a carta
Investigando questões históricas e introdutórias
Diagramando e fazendo a análise gramatical
Identificando e seguindo a argumentação
Fazendo estudos lexicais
Analisando o contexto teológico
Delineando a relevância das cartas de Paulo

O restante deste capítulo apresentará algumas premissas sobre a natureza da exegese e o motivo para ela. O que é dito a seguir aplica-se à exegese das Escrituras como um todo, não apenas para as cartas paulinas. Estou plenamente ciente de que as questões hermenêuticas abordadas aqui exigem análise e defesa mais detalhadas do que é possível. Ainda assim, essas questões precisam ser abordadas brevemente, pois a exegese nunca é feita no vácuo. Na verdade, análises mais aprofundadas também são necessárias para muitas das outras questões abordadas nesta obra, particularmente aquelas nos dois últimos capítulos sobre teologia paulina e a relevância das cartas de Paulo para os dias de hoje. Análises detalhadas

sobre esses assuntos, no entanto, exigiriam um livro a respeito de praticamente cada questão abordada, uma tarefa que está além do escopo desta obra, se ela pretende permanecer um manual sobre exegese paulina.

Objetivo supremo da exegese

Muitas vezes me perguntei por que a exegese bíblica não é a paixão que entusiasma pastores e estudantes. Por que, por exemplo, tantos sermões estão relacionados de maneira tão ínfima com o que o texto bíblico está dizendo? Sem dúvida, há várias razões para essa situação. Quero me concentrar em uma única razão aqui. Com frequência a exegese bíblica é negligenciada por estudantes e pastores porque a consideram domínio exclusivo dos acadêmicos que estudam a Bíblia, e os debates nos quais esses estudiosos se envolvem não são considerados relevantes para a vida da pessoa comum. Algumas pessoas consideram que os estudiosos da Bíblia são especialistas que investigam e debatem questões que praticamente não se relacionam com a vida prática do dia a dia. Infelizmente, os estudiosos carregam parte da culpa, pois muitas vezes não conseguem enxergar ou compartilhar as implicações mais abrangentes de seu trabalho. Eles se tornaram especialistas. Então, a pessoa comum pergunta: Por que eu deveria aprender mais sobre o labirinto dos estudos do Novo Testamento do que sobre as pesquisas mais recentes em astronomia? Ler as teorias mais recentes da astronomia pode ser intelectualmente estimulante, mas é considerado praticamente inútil. Da mesma forma, os estudantes frequentemente relegam a exegese bíblica à prateleira acadêmica e a abandonam assim que concluem suas obrigações acadêmicas.

Com demasiada frequência, os evangélicos têm respondido ao mundo acadêmico com uma postura anti-intelectual. Reconhecendo as deficiências gritantes da erudição crítica, às vezes os evangélicos

responderam negando a necessidade de um estudo crítico e aprofundado da Bíblia.[2] Em vez de estudo sério, alguns segmentos da subcultura evangélica têm propagandeado uma maneira um tanto ingênua e simplista de compreender as Escrituras. Há muito tempo, Erasmo revelou o erro dessa forma de pensar com esta observação perspicaz: "As pessoas me perguntam: Como o conhecimento acadêmico pode facilitar a compreensão das Sagradas Escrituras? Minha resposta é: Como a ignorância contribui para isso?".[3]

Mas como podemos convencer os estudantes de que estudar as Escrituras não serve apenas para alcançar a excelência em uma disciplina especializada? É claro que precisamos de especialistas que estudem de maneira intensiva determinado assunto, mas o objetivo da exegese não é obter conhecimento especializado em um campo de estudo específico. O objetivo da exegese é obter uma cosmovisão baseada no texto bíblico e respaldada nele. Em última análise, damos direção à nossa vida com base em nossa cosmovisão, nossa

[2]A palavra "crítico" não significa que o leitor esteja julgando a Bíblia. Significa que a compreensão das Escrituras pelo leitor se baseia em julgamentos fundamentados e inteligentes. Todas as pessoas fazem julgamentos a respeito do significado do texto bíblico. A questão é se esses julgamentos são inteligentes, plausíveis e convincentes.

[3]Citado em D. B. Lockerbie, "A call for Christian humanism", *Bibliotheca sacra* 143 (1986): 20. Para uma análise profunda sobre o estado do estudo das Escrituras entre os evangélicos, veja Scott J. Hafemann, "Seminary, subjectivity, and the centrality of Scripture: reflections on the current crisis in Evangelical seminary education", *Journal of the Evangelical Theological Society* 31 (1988): 129-43. O pós-modernismo mudou de modo significativo o cenário desde a publicação da primeira edição deste livro. Para respostas convincentes, veja D. A. Carson, *The gagging of God* (Grand Rapids: Zondervan, 2002) [publicado em português por Shedd sob o título *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralimo*]; David F. Wells, *No place for truth*, or, *Whatever happened to Evangelical theology?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993) [publicado em português por Shedd sob o título *Sem lugar para a verdade: o que aconteceu com a teologia evangélica?*]; *God in the wasteland: the reality of truth in a world of fading dreams* (Grand Rapids: Eerdmans, 1994); *Losing our virtue: why the church must recover its moral vision* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999); e idem, *Above all earthly pow'rs: Christ in a postmodern world* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005).

percepção da vida como um todo. A exegese bíblica deve ser o alicerce na construção desse ponto de vista. A construção completa se expressa, em última análise, em nossa teologia sistemática, pois teologia sistemática é outra maneira de falar sobre a cosmovisão de alguém. Alguém disse, com razão, que todo cristão tem uma teologia sistemática. A questão é a seguinte: a teologia sistemática é fiel ao texto bíblico e logicamente rigorosa, ou é contrária ao texto bíblico e logicamente desordenada?

Um dos problemas no mundo contemporâneo é que muitos estudiosos da Bíblia não acreditam que seja possível derivar uma cosmovisão coerente ou uma teologia sistemática do texto bíblico. Ao fazer isso, no entanto, esses estudiosos aparentemente estão solapando a própria tarefa a que se propõem.[4] Alguns intelectuais sempre desejarão continuar a tradição da erudição bíblica, mas a pessoa comum logo perceberá que a exegese bíblica não é vital para a formação de uma cosmovisão no século 21 se os documentos não comunicarem uma mensagem coerente. Ninguém pode basear a vida em documentos cuja mensagem é inconsistente. Teólogos bíblicos frequentemente alertam sobre os perigos de uma teologia sistemática não baseada no texto, mas na prática perniciosa de arrancar versículos de seu contexto, e estão corretos em fazê-lo, visto que toda teologia sistemática deve ser fundamentada em uma exegese sólida e respaldada por ela. Os estudantes apreciarão o estudo da exegese se a considerarem o fundamento de uma

[4]Para uma análise muito útil sobre a possibilidade e a importância da teologia sistemática na exegese, veja D. A. Carson, "Unity and diversity in the New Testament: the possibility of Systematic Theology", in: *Scripture and truth*, orgs., D. A. Carson; J. D. Woodbridge (Grand Rapids: Zondervan, 1983), p. 65-95. Não há dúvida de que a teologia sistemática deve ser derivada da exegese e da teologia bíblica. Para um livro útil sobre teologia bíblica, veja *New dictionary of Biblical Theology*, orgs., T. Desmond Alexander; Brian S. Rosner (Downers Grove: InterVarsity, 2000) [publicado em português por Vida sob o título *Novo dicionário de teologia bíblica*].

perspectiva abrangente. Contudo, se a exegese for considerada simplesmente uma habilidade em uma disciplina especializada, apenas alguns se interessarão; a maioria ignorará a aquisição das ferramentas necessárias para praticar essa disciplina.

A exegese não será a paixão dos estudantes a menos que eles percebam que ela desempenha um papel vital na formação de sua cosmovisão. Uma propensão intelectual para a exegese, embora decisiva, não é suficiente. A exegese nunca será a *paixão* de uma pessoa a menos que seu coração seja tocado pela verdade bíblica; só depois disso ela conduzirá a uma alegria mais profunda e rica em Deus (Jo 15.11). Se o coração da pessoa nunca se alegra ao fazer exegese, o processo não atingiu seu ponto culminante. E se alguém nunca tremeu ao fazer exegese (Is 66.2), não está ouvindo a voz de Deus.

A renovação de nossa mente e o ardor do coração são projetados para levar à obediência, a uma mudança na maneira que vivemos, à aprovação da perfeita vontade de Deus em nossa experiência (Rm 12.2). E não só isso: pessoas que foram transformadas pelo texto bíblico também desejarão compartilhar com outros a verdade que as transformou. Como o Servo do Senhor, seremos ensinados a "conhecer a palavra que sustenta o cansado" (Is 50.4). Comunicaremos essas verdades a "homens fiéis que também sejam idôneos para ensinar outros" (2Tm 2.2).

Em suma: a exegese faz parte do processo de construção de nossa cosmovisão; à medida que compreendemos a verdade de Deus, o coração começa a arder e a pessoa é impelida a viver uma nova vida e a transmitir essa nova verdade a outros. Assim, o reino de Deus avança e Deus é glorificado.

Pressupostos na formação de uma cosmovisão

Dois pressupostos estão implícitos no que acabei de escrever e devem se tornar explícitos. Primeiro, não podemos construir uma

cosmovisão a partir das Escrituras, a menos que as Escrituras apresentem uma cosmovisão unificada. Se as Escrituras forem contraditórias no que ensinam, não podemos derivar uma cosmovisão coerente delas. Aqui, pressuponho que as Escrituras efetivamente apresentam uma cosmovisão coerente e consistente, mas essa afirmação não será defendida em detalhes aqui.[5]

Em segundo lugar, pressuponho que a lei da não contradição seja fundacional para a nossa perspectiva de verdade. A lei da não contradição não é somente uma concepção ocidental de verdade. Se ignorarmos a lei da não contradição, toda análise racional se torna impossível.[6] Por exemplo: se afirmarmos que o que Tiago e Paulo ensinam sobre justificação é, efetivamente, contraditório, que Tiago e Paulo afirmam duas maneiras diferentes e mutuamente exclusivas de justificação, a única conclusão racional é que eles se contradizem. E se eles efetivamente se contradizem, a Bíblia deixa de ser imbuída de autoridade na questão da justificação, visto que não ensina uma perspectiva consistente. A predileção por Paulo ou Tiago será essencialmente uma questão de nossa preferência subjetiva. E se as Escrituras forem contraditórias em um ponto, *em princípio*, não há razão para que não possam ser contraditórias também em outros. Ora, razões poderiam ser apresentadas aqui para a natureza complementar das perspectivas de Paulo e Tiago sobre a justificação.

---

[5]Para uma definição nuançada de inerrância, veja Paul D. Feinberg, "The meaning of inerrancy", in: *Inerrancy*, Norman L. Geisler (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 267-304 [publicado em português por Vida sob o título *A inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*]. Para uma defesa da coerência e da precisão das Escrituras, veja C. F. H. Henry, *God, revelation, and authority* (Waco: Word, 1976-1979). Para uma defesa mais recente da autoridade bíblica, veja Peter Jenson, *The revelation of God* (Downers Grove: InterVarsity, 2002); D. A. Carson, *Collected writings on Scripture*, A. D. Naselli, comp. (Wheaton: Crossway, 2010).

[6]Para uma breve defesa da lei da não contradição, veja N. L. Geisler, "Philosophical presuppositions of Biblical errancy", in: *Inerrancy*, p. 308-10; e Carson, "Unity and diversity", p. 80-1.

Mas o ponto aqui é simplesmente este: neste livro, irei pressupor que as Escrituras são consistentes e que não se contradizem.

Definição de exegese relacionado à intenção do autor

Exegese é o método pelo qual averiguamos o que os autores queriam dizer quando escreveram determinada obra literária. O significado das Escrituras não pode ser separado da intenção do autor, conforme essa intenção é expressa nas palavras do texto.[7] Estou convencido de que podemos descobrir o significado pretendido pelos autores humanos das Escrituras, mesmo que nosso conhecimento do texto bíblico nunca seja completo. Podemos conhecer de maneira verdadeira mesmo que não conheçamos de modo exaustivo. Qualquer teoria que afirme que o significado do autor é inatingível ou que o leitor impõe seu próprio significado ao texto deve ser rejeitada.

Isso não significa negar que haja um significado divino nas Escrituras que ultrapassa a compreensão dos autores humanos. Ao lermos todo o cânon, podemos discernir a plenitude da revelação de uma maneira que não era acessível a Moisés, Davi e Isaías.[8]

---

[7]Para uma defesa da interpretação da literatura de acordo com a intenção do autor, veja E. D. Hirsch Jr., *Validity in interpretation* (New Haven: Yale University Press, 1967); idem, *Aims in interpretation* (Chicago: University of Chicago Press, 1976). Embora simpatize com Hirsch, P. D. Juhl (*Interpretation: an essay in the philosophy of literary criticism* [Princeton: Princeton University Press, 1980]) corretamente critica alguns pontos fracos na análise de Hirsch e apresenta uma defesa ainda mais convincente da intenção autoral do que Hirsch. Para uma defesa robusta e intelectualmente sofisticada da intenção autoral, veja esp. Kevin J. Vanhoozer, *Is there a meaning in this text?* (Grand Rapids: Zondervan, 1998) [publicado em português por Vida Acadêmica sob o título *Há um significado neste texto?*].

[8]Em outras palavras, no fim das contas, as Escrituras testificam a respeito de Jesus Cristo em harmonia com o que está escrito no Antigo Testamento, mesmo que os autores veterotestamentários não tenham compreendido a plenitude do que escreveram. Veja Edward P. Clowney, *The unfolding mystery: discovering Christ in the Old Testament* (Phillipsburg: P&R, 1991) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Encontrando Jesus no Antigo Testamento*]; Graeme Goldsworthy, *According to plan: the unfolding revelation of God in the Bible*

Ainda assim, o significado divino do texto não diverge, em última análise, do significado dos autores originais. O significado divino do texto corresponde à intenção dos autores humanos e deve ser defendido textualmente.[9]

O papel da pré-compreensão na exegese

A maioria dos estudiosos hoje concorda que a exegese sem pressupostos é impossível, especialmente com o advento do pós-modernismo.[10] Somos todos moldados por nossa cultura e contexto. Muitos de nossos pressupostos são úteis e valiosos. Toda vez que nos sentamos em uma cadeira, não precisamos reconstruir as experiências pelas quais aprendemos que as cadeiras suportarão nosso peso; pressupomos que as cadeiras sustentarão nosso peso. A partir do que lemos na Bíblia, pressupomos corretamente que Deus é bom; portanto, perguntamos apropriadamente por que ele permite o sofrimento. Imagine uma situação em que nem sequer fizemos essa pergunta! Nossos pressupostos podem nos levar a fazer perguntas profundas e decisivas que nos ajudem a compreender o significado do texto bíblico.

(Downers Grove: InterVarsity, 2002) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Introdução à teologia bíblica: o desenvolvimento do evangelho em toda a Escritura*].

[9]As questões envolvidas aqui são complexas e exigem uma análise mais aprofundada do que é possível aqui. Veja, e.g., Douglas J. Moo, "The problem of *sensus plenior*", in: *Hermeneutics, authority, and canon*, orgs., D. A. Carson; J. D. Woodbridge (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 179-211; Vern S. Poythress, "Divine meaning of Scripture", *Westminster Theological Journal* 48 (1986): 241-79; W. E. Glenny, "The divine meaning of Scripture: explanations and limitations", *Journal of the Evangelical Theological Society* 38, n. 4 (1995): 482-501.

[10]Veja, e.g., Graham N. Stanton, "Presuppositions in New Testament criticism", in: *New Testament interpretation: essays on principles and methods*, org., I. H. Marshall (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 60-71; R. Bultmann, "Is exegesis without presuppositions possible?", in: *Existence and faith* (London: Hodder & Stoughton, 1960), p. 289-96.

No entanto, nossos pressupostos também podem nos cegar para a verdade. Ao ler a história da multiplicação dos pães e peixes para cinco mil pessoas, por exemplo, podemos presumir que milagres não acontecem; assim podemos explicar a história no que diz respeito a um menino compartilhando seu lanche com outros. Nesse caso, o pressuposto ou a pré-compreensão nos cega para o que o texto realmente está dizendo. Ou, se partirmos do pressuposto de que nunca poderemos compreender o texto bíblico porque estamos limitados pela nossa localização histórica, teremos efetivamente negado que o Espírito de Deus possa comunicar-se com suas criaturas. Pelo contrário, devemos reconhecer, juntamente com o apóstolo Paulo, que o Espírito Santo pode nos ensinar as verdades de Deus (1Co 2.6-16).

A questão decisiva é esta: É possível detectar pressupostos incorretos e modificar a nossa cosmovisão para que possamos compreender o que Paulo (ou qualquer autor) pretendia quando escreveu as suas cartas? Se isso não for possível, segue-se que nenhuma aprendizagem ou mudança de pensamento é possível para os seres humanos. Estamos presos à nossa própria cultura e cosmovisão. E se nunca conseguirmos romper com a nossa própria pré-compreensão, por que deveríamos tentar compreender o ponto de vista de outra pessoa? Na verdade, nunca poderíamos efetivamente compreender o outro. Uma perspectiva niilista como essa deve ser rejeitada porque contradiz a experiência humana. Podemos compreender aqueles cujo pensamento é estranho para nós, embora esse processo possa exigir grande esforço. Não se deve esquecer que essa perspectiva rejeita a ideia de que Deus pode superar nossa falibilidade e finitude e falar uma palavra compreensível. Se estivermos dispostos a deixar que as Escrituras desafiem nossas ideias e opiniões mais caras (e o Espírito possa amolecer nosso coração para que estejamos abertos à verdade), seremos capazes de compreender as Escrituras e permitir que elas formem nossa cosmovisão.

A arte da interpretação

Este livro se concentrará na metodologia que deve ser usada na interpretação das cartas paulinas. A metodologia se concentra na ciência da interpretação: os princípios e procedimentos essenciais para a exegese. No entanto, a interpretação também é uma atividade artística. Por exemplo: a formulação de uma hipótese sobre a interpretação de uma passagem é um produto da imaginação. Uma vez que a exegese é tanto uma ciência quanto uma arte, não podemos contar que a interpretação correta surja automaticamente seguindo os passos descritos neste livro. Em toda interpretação, lidamos com graus de probabilidade na formulação de uma interpretação. Não é possível ter certeza. Isso não leva ao relativismo na interpretação, pois algumas interpretações são mais prováveis do que outras. Evidências e lógica são usadas para estabelecer a probabilidade de várias interpretações. A interpretação mais coerente e abrangente é a mais provável. Mesmo os cientistas reconhecem hoje que nada pode ser provado de maneira absoluta. No entanto, algumas coisas são mais prováveis do que outras. Por exemplo, é possível que o mundo em que vivemos seja uma ilusão e que a vida seja um sonho, mas essa perspectiva da realidade não é plausível. Da mesma forma, as interpretações de alguns textos bíblicos são praticamente certas, ao passo que em outros textos o significado é mais passivo de debate. O intérprete cuidadoso reconhece uma escala variável de probabilidade e enfatiza a verdade de uma interpretação em conformidade com essa escala.